

# A FORMAÇÃO DA IMAGEM E DA PAISAGEM URBANA DO MUNICÍPIO DE TOMÉ-AÇU: UMA ANÁLISE DO NÚCLEO URBANO DE QUATRO BOCAS

FELIPE COSTA DE ALMEIDA  
DAVI JOSÉ DA ROSA SANTOS  
JOSÉ JÚLIO FERREIRA LIMA

d4virsantos@gmail.com  
felipealmeidx@gmail.com  
jjlimafoa@gmail.com

## RESUMO

A instalação dos imigrantes nipônicos no território onde hoje configura-se o município de Tomé-Açu, no nordeste paraense, foi responsável por desenvolver social e economicamente a região, além de adicionar importantes elementos à cultura e ao cotidiano do município. O presente trabalho busca, por meio de pesquisas bibliográficas, visitas in loco e análises cartográficas e fotográficas, entender a formação da paisagem do município de Tomé-Açu, com ênfase no núcleo urbano de Quatro Bocas – a partir da ação dos diferentes elementos que protagonizaram a história do município. Ao final é mostrado como esta localidade ainda está passível de transformações oriundas do processo de construção da paisagem.

### Palavras chave

Tomé-Açu, Quatro Bocas, paisagem urbana.

## ABSTRACT

The settlement of the Japanese immigrants on the current territory of Tomé-Açu, on the northeast of Pará, was responsible for the social and economic development of the region. This paper aims, through bibliographic research, on-site visits and cartographic and photographic analysis, to understand the formation of the landscapes from the municipality of Tomé-Açu, emphasizing the urban center of Quatro Bocas. The analysis considers the different elements that starred the history of the municipality. In the end, it is showed how this city is still in the imminence of transformations due to the process of landscape construction.

### Key-words

Tomé-Açu, Quatro Bocas, urban landscape.



**O MUNICÍPIO DE TOMÉ-AÇU** foi, originalmente, um povoado ribeirinho que ocupou as terras da bacia do rio Acará-Mirim, segundo o padrão de ocupação característico das cidades amazônicas (CARDOSO e LIMA, 2009). O rio se torna no contexto amazônico, uma vez que estrutura a localização urbana e a configuração da cidade ao longo do rio. No caso específico de Tomé-Açu, o núcleo da sede se tornou importante para o estabelecimento de um polo de atração para a imigração japonesa na região Norte.

A imigração de outros povos para o Brasil já vinha sendo fomentada pelo Estado

brasileiro a partir do início do século XX, com o objetivo de povoar o território, bem como revalorizar as terras. Dentre as nacionalidades que chegaram no país, os primeiros japoneses desembarcaram no porto de Santos em maio de 1908 (SILVA NETO, 2007). A presença nipônica começa a ocorrer no estado do Pará somente em 1934 (TOMÉ-AÇU, 2015), quando o estado passou a receber um grande número de imigrantes. Assim como na região sudeste, a imigração dirigida se ocupou basicamente da produção agrícola.

Os imigrantes nipônicos desenvolveram, então, as primeiras plantações de pimenta-do-reino na região. As primeiras áreas destinadas à plantação da piperácea se concentraram na localidade que hoje forma o município de Tomé-Açu, mais especificamente o núcleo urbano de Quatro Bocas. O sucesso da pipericultura originou a Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (CAMTA) que, com a associação dos pequenos produtores, trouxe lucros sem precedentes à região. Estes lucros foram reinvestidos e proporcionaram a Tomé-Açu crescimento econômico e desenvolvimento social.

As medidas tomadas para o desenvolvimento da cidade durante as décadas posteriores diversificaram os modos de vida e produção na cidade, trazendo aos atores tradicionais envolvidos na ocupação da terra rural novos papéis, promovendo agora estratégias para a gestão do espaço urbano formado (CARDOSO e LIMA, 2006).

Diante das peculiaridades observadas na formação do município de Tomé-açu, tanto pela presença da imigração japonesa organizando o território, como pelas determinações do próprio espaço amazônico, formula-se com esse trabalho uma análise preliminar da paisagem daquele município. A ênfase da análise é o núcleo urbano de Quatro Bocas, onde se concentrou, a despeito da sede, a transposição de traços culturais do Japão para a Amazônia.

O trabalho traz considerações sobre a formação da paisagem e sua percepção a partir dos diferentes atores que protagonizaram a história

do município. Utilizando-se de pesquisa bibliográfica aliadas a visitas in loco e análises de mapas e fotografias registradas nas visitas, em uma primeira sessão são relacionadas as proposições de diferentes autores de bases para uma análise da percepção da paisagem, o que é feito na sessão seguinte para o caso específico do núcleo urbano de Quatro Bocas. Ao final, o trabalho busca traçar uma reflexão sobre como esta localidade ainda está passível de transformações oriundas do processo de construção da paisagem.

## A FORMAÇÃO DA IMAGEM E A PAISAGEM PERCEBIDA

Dentre distintas definições, entende-se por paisagem a manifestação morfológica resultante do processo de atividades humanas sobre diferentes aspectos naturais, compreendendo espaços denominados naturais e urbanos. A paisagem não se apresenta estática, sua diversidade alterna de acordo com fatores fisiográficos e ambientais relacionados às intervenções humanas, como um sistema complexo de relações. Ela é o reflexo da dinâmica entre diferentes componentes e agentes do espaço (MACEDO, 1994).

A relação existente entre natureza e ser humano é um mecanismo de criação e recriação da paisagem e a percepção deste processo se relaciona ao repertório de particularidades culturais e sociais de cada indivíduo, como a memória e o imaginário. A existência cultural da paisagem se dá por meio da percepção sensorial do observador e a forma em que ele captura a estética do espaço e se comunica com ela (CAMARGO, 2005).

Segundo Kohlsdorf (1996), a paisagem possui configurações de diferentes linguagens que podem gerar diferentes efeitos ao indivíduo de acordo com os significados que este atribui aos elementos compositivos do espaço. Desta forma, a comunicação que a paisagem estabelece pode desenvolver significados tanto no âmbito individual quanto coletivo. Para a autora, o espaço urbano apresenta uma

pluralidade de percepções e potencialidades cognitivas percebidas pelos indivíduos – estes são fatores que constroem a legibilidade urbana, a capacidade dos lugares de serem decodificados em termos de identificação e localização por seus usuários.

Entende-se aqui, então, que a paisagem, além de processos físicos de transformação e construção das relações homem-natureza, carrega preferências e potenciais intrínsecos da cultura de cada população (WAGNER e MIKESELL, 2003). Este último elemento, segundo Da Matta (1981), pode ser entendido como um mapa, um receituário, um código que, por meio deste, as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas.

No entanto, percebe-se que este código não é inexorável, pelo contrário: é flexível e está sujeito a transformações, e transversalidades que podem atravessar – e atravessam – diferentes países e culturas, se reproduzindo em perspectivas materiais e imateriais, formando uma paisagem transcultural. No caso específico amazônico, a integração dos diferentes colonizadores contribuiu para a composição da paisagem transcultural local, pois as conexões étnicas e culturais criam o processo de diversidade e constroem a identidade que, por sua vez, intervém na organização sociopolítica e ressignificam o espaço e o imaginário.

## A PAISAGEM TRANSCULTURAL EM TOMÉ-AÇU – O NÚCLEO DE QUATRO-BOCAS

Localizado na microrregião de Tomé-Açu, no nordeste paraense, o município de Tomé-Açu é, territorialmente, uma espécie de quadrilátero onde coexistem dois núcleos urbanos – Tomé-Açu e Quatro Bocas. Os dois núcleos esparsos são conectados exclusivamente pela rodovia estadual PA 140. O espaço entre eles, o chamado “bairro industrial” ou a zona periurbana do município, é composto por sítios anteriormente de propriedade dos colonizadores japoneses, serrarias e fragmentos de mata nativa (CARDOSO e LIMA, 2009). Mesmo fragmentado, os

espaços urbanos do município são articulados e apresentam fluxos e trocas vitais para o funcionamento da cidade.

O boom da pimenta-do-reino, produzida através do sistema cooperativista, deu origem à Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu, a CAMTA, que, fundada em 1949, associou agricultores em prol do crescimento da agricultura na cidade. Iniciando com cerca de 58 cooperados, em 1960 a cooperativa já contava com mais 200 cooperados que administravam mais de 1 milhão de pimenteiras (HOMMA, 2007 *apud* TAFNER, 2010, p. 75). Nos anos finais da década de 1960 as famílias tomé-açuenses não puderam mais ter como suporte econômico tal especiaria devido à reduzida demanda de pimenta-do-reino – justificada pelas novas plantações em outros países – e à proliferação da fusariose, doença que reduz a vida útil e a produção das pimenteiras. Nesse período, novas culturas começam a ser plantadas e desenvolvidas nos lotes produtivos do município e a fruticultura passa a ser o comandante da economia de Tomé-Açu.

A população tome-açuense estimada em mais de 61.000 habitantes em 2017 (IBGE, 2017), ainda encontra na agricultura sua principal fonte de renda. A diversificação da produção da CAMTA, a partir do período de queda da comercialização da pimenta-do-reino, expandiu o seu mercado e abriu novas portas para a economia da cidade. A produção de cacau e a dendê se tornaram protagonistas da cooperativa ao passar dos anos.

A CAMTA foi responsável, historicamente, pela implantação de grande parte da infraestrutura presente em Tomé-Açu. O hospital da cooperativa, escolas primárias – e, posteriormente, os ginásios – e a organização da malha urbana são elementos que foram originados e desenvolvidos graças ao investimento dos cooperados e o crescentemente a organização do agronegócio em escala. Este processo ocorre em meio a manutenção da forma cooperativada, o que pode representar uma situação de transição entre a agricultura da imigração e a possibilidade de articulá-la a processos mais globais de agronegócio.

Atualmente, a cooperativa fabrica e exporta polpa de frutas para todas as regiões brasileiras e para o mundo – EUA, Japão, Alemanha e Argentina são os principais compradores. Só a fruticultura injetou mais de 14 milhões de reais na economia da cidade em 2007, segundo relatório fornecido pela diretoria da cooperativa (TAFNER, 2010).

Percebe-se, então, que o sucesso da produção agrícola no município de Tomé-Açu não se resumiu apenas à atuação da CAMTA nas culturas de pimenta-do-reino. O feito da cooperativa junto aos produtores ampliou o campo de possibilidades que poderiam trazer o desenvolvimento à cidade.

A partir da primeira década do século XXI, Moju, Acará e Tailândia (municípios que, somados a Tomé-Açu e Concórdia do Pará, integram a microrregião de Tomé-Açu) viram seus hectares de plantio de dendê mais que duplicarem devido a mudanças em políticas públicas que incentivaram a maior produção do biodiesel brasileiro com uma porcentagem significativa de óleo de palma – insumo que passou a ser utilizado na fabricação de combustível. A produção chega, nos anos de 2010, ao restante dos municípios da microrregião de Tomé-Açu, os quais se tornam as grandes frentes de expansão da dendeicultura (NAHUM e SANTOS, 2015).

Em Tomé-Açu, como ocorre nos outros municípios de sua microrregião, empresas como a Agropalma se utilizaram de métodos de produção que remetem ao cooperativismo implantado desde o século anterior pela CAMTA. Segundo Nahum e Santos (2015), tentando amenizar os impactos às produções agrícolas independentes das famílias do município, as empresas traçaram metas para associar famílias às suas produções ao longo dos anos, traçando metas. Metas estas que, segundo dados das próprias empresas, ainda hoje, não chegam nem perto de serem atingidas.

A cultura do dendê tem sido, na última década, um agente que vem trazendo ainda mais mudanças sociais, políticas, econômicas

com alterações consideráveis para a paisagem do município. A cultura do dendê, de forma geral, implanta-se em regiões próximas a concentrações populacionais, acarretando notórias mudanças nessas áreas. A dendeicultura necessita de mecanismos para se desenvolver e dar prosseguimento na produção – o estabelecimento e manutenção de infraestrutura física e humana são recursos imprescindíveis e, quando instaurados nessas regiões, pode significar o início de progresso.

Com a introdução de sistemas básicos para tal estrutura como energia elétrica, água potável, meios de comunicação, entre outros, percebe-se o processo de conversão de localidades rurais em polos de desenvolvimento (MÜLLER *et al.*, 1989). De acordo com Santana e Lima (2017), os investidores do capital estimulam a transformação das terras rurais em urbanas, pois há o nítido interesse de apropriação de renda diferencial – pois a terra ganha valor à medida que a esta recebe investimentos em infraestrutura, tornando-se uma fonte de acumulação de capital.

A microrregião de Tomé-Açu foi alvo de especulação imobiliária quando os diversos agentes privados realizaram o que Nahum e Santos (2012) chamaram de “varredura fundiária”, ação que consistiu em adquirir terrenos que, mais tarde, seriam revendidos já com um valor maior, aumentando o montante do capital especulativo. Essa ação, indubitavelmente, acarretou notórias transformações no território e, conseqüentemente, na paisagem dos municípios onde o descrito fenômeno aconteceu.

No modo de vida da população em assentamentos rurais, sabe-se que a cultura do dendê também acarreta transformações. As famílias que antes faziam uso do solo desenvolvendo o cultivo de policultura – muitas das vezes em um contexto de subsistência –, a partir da implantação da dendeicultura, substituem as práticas tradicionais ao se aliarem a projetos que integram famílias agricultoras na produção do dendê. Dessa forma, a população local atua como componente de suporte para o funcionamento dessa nova dinâmica socioespacial.



## A PAISAGEM URBANA DOS NÚCLEOS QUE COMPÕEM O MUNICÍPIO DE TOMÉ-AÇU

Localizado no nordeste paraense, o município de Tomé-Açu é, territorialmente, uma espécie de quadrilátero onde coexistem dois núcleos urbanos – Tomé-Açu e Quatro Bocas. Tomé-Açu é, historicamente, a sede do município e foi formada às margens do rio. 12 km a oeste deste núcleo, no eixo da rodovia PA 140, foi formada pelos colonizadores japoneses uma comunidade rural, a atual Quatro Bocas – núcleo que mais tem impressas as marcas da colonização japonesa na região. O espaço entre eles, o chamado “bairro industrial” ou a zona periurbana do município, é composto por sítios que outrora foram propriedade dos colonizadores japoneses, serrarias e fragmentos de mata nativa (CARDOSO e LIMA, 2009).

Os terrenos que antes abrigavam os pimentais, após a decadência da produção, foram sendo parcelados para a ocupação em processos organizados por empresas de iniciativa privada, oficializando a área urbana e modificando o espaço. Os sítios ainda restantes pertencentes aos descendentes dos primeiros colonizadores japoneses delimitam a área urbana de Quatro Bocas hoje (*idem, ibidem*).

O processo da migração japonesa para Tomé-Açu foi um fator determinante para a composição da paisagem urbana atual. A vinda dos colonos para esse segmento da Amazônia possibilitou um intercâmbio de conhecimentos e práticas, exercendo explícita influência na constituição cultural da região. Os fenômenos de migração estabelecem intervenções territoriais relevantes. De acordo com a geógrafa Maria Dezan,

a história da humanidade registra, desde o seu aparecimento na face da Terra até hoje, repetidos movimentos de migração e de fixação de populações em várias regiões do globo. Os seres humanos sempre se movimentaram, por instinto, com o desejo de conhecer

e explorar o desconhecido ou impulsionados por problemas políticos, econômicos, sociais, religiosos, guerras, ou através da combinação de dois ou mais desses fatores. No decorrer dos séculos aconteceram muitos movimentos migratórios de proporções diferentes, sendo alguns de grandes dimensões, os quais influíram significativamente na evolução histórica do gênero humano (DEZAN, 2007, p. 18).

A composição sociocultural e, conseqüentemente, a expressão espacial de Tomé-Açu desenvolveram-se em um quadro de interação entre a população nativa e as famílias migrantes advindas desses fluxos populacionais. A colonização japonesa em Tomé-Açu tem reconhecida participação na economia local, faz-se presente nos significados da memória coletiva, na materialização da história e na paisagem.

A linguagem estética e arquitetônica de construções são elementos que fazem parte da composição imagética e cultural das cidades. No caso específico de Quatro Bocas, há um interesse por parte de estudiosos por esta localidade apresentar peculiaridades quando comparada às demais cidades amazônicas: em Quatro Bocas é possível encontrar uma quantidade significativa de edificações com características arquitetônicas japonesas. A arquitetura encontrada em Quatro Bocas guarda relações com a paisagem rural e urbana japonesa características do período anterior a Segunda Guerra Mundial – paisagem esta que se modificaria profundamente no período da reconstrução do país e da pujança econômica mais recente.

A instalação dos colonizadores japoneses proporcionou melhores condições de vida tanto aos imigrantes quanto para a população em geral do município. A partir da década de 1950, a CAMTA passou a aplicar seus recursos na construção de equipamentos públicos como escolas e o hospital da Água Branca – infraestrutura social que contribuiu para o melhoramento dos serviços de saúde em Tomé-Açu (TAFNER, 2010). Mesmo que a linguagem estética da edificação que

abrigou o hospital, em si, não guarde características da arquitetura japonesa, suas ruínas são, nos dias de hoje, um patrimônio cultural e material pertencente à população e um registro físico dos esforços desses imigrantes na busca do desenvolvimento da cidade. (Il. 1)

A arquitetura nipônica também se faz presente no antigo prédio administrativo da CAMTA, no templo budista e nas residências dos descendentes dos primeiros habitantes japoneses na região – tanto na mancha urbana quanto em localidades adjacentes à cidade. As edificações rurais japonesas em madeira, amplas e avarandadas, sem partições fixas foram construídas soltas nos terrenos e aliavam os traços culturais trazidos com as condições ambientais da Amazônia, similares ao verão japonês. Adaptaram-se as possibilidades de amenização da alta umidade e a transição entre o espaço do interior da edificação e o espaço exterior encontrada nas “minka” – casas rurais japonesas (LIMA, 1991).(Il.2)

O antigo centro administrativo da CAMTA está localizado na zona urbana, no centro de Quatro Bocas, no encontro da avenida principal Dionísio Bentes com a avenida Saburo Chiba. Este edifício foi construído em 1948, predominantemente de madeira e possuindo dois pavimentos, o térreo e um pavimento superior. Com o passar dos anos, diferentes reformas foram executadas, descaracterizando a arquitetura original. (Il. 3)

Segundo Numazawa (2009), essas modificações alteraram as estacas de fundação da edificação, alguns pilares, o material da cobertura, as vedações internas e, até mesmo, o uso da edificação. Hoje, a sede administrativa se encontra em uma edificação em alvenaria construída posteriormente e localizada no mesmo terreno, enquanto o antigo prédio em madeira passou a ser utilizado como depósito temporário de pimenta-do-reino. A antiga sede administrativa da CAMTA é um marco visual de Quatro Bocas, que complementa o contexto urbano local há décadas.



Il. 1: Ruínas do hospital da Água Branca.

Fonte: Acervo dos autores. Fotografia de Felipe Almeida, 2018.

Il. 2: Casa com elementos da arquitetura japonesa em Quatro Bocas.

Fonte: Acervo dos autores. Fotografia de Felipe Almeida, 2018.





Figura 3: Prédios da CAMTA no centro de Quatro Bocas.  
Fonte: AICEB Região Amazônica, 2014.

O templo budista da cidade foi construído em alvenaria e, mesmo carregando pouca relação estética com os elementos dos tradicionais templos asiáticos, abriga ambientes indispensáveis desta tipologia, como o oratório budista e o local para se prestar reverências de mãos postas. O templo apresenta uma plasticidade na platibanda da fachada principal e um pórtico de entrada que possui a função de conectar o espaço exterior com o interior. (Il. 4)

Tais edificações enriquecem a paisagem urbana de Quatro Bocas pois, além de materializarem uma importante parte da história local, a inserção de tipologias produzidas por uma cultura do oriente dentro de um contexto amazônico acentua a singularidade visual e cultural desta paisagem.

## PAISAGENS HÍBRIDAS

A demanda dos colonizadores por mão de obra para o cultivo e manutenção dos pimentais foi fonte de emprego para habitantes nativos da região, fator que intensificou o intercâmbio de experiências entre os habitantes locais e as famílias nipônicas. As relações subjetivas se estabeleceriam com o passar do tempo e logo se observaria até mesmo vínculos afetivos entre pessoas dessas distintas nacionalidades. Tal processo possibilitou a comunicação entre os diferentes costumes, saberes e crenças. A realização de atividades cotidianas e expressões comportamentais, seja na culinária, nos esportes, na religiosidade ou em festividades tradicionais também carregam fragmentos importantes da cultura japonesa impressa na região.

A exemplo, presencia-se elementos do modo de cozinhar japonês sendo incorporados arbitrariamente à culinária tomé-açuense: sejam relacionados ao modo de preparo, ou ao uso de ingredientes

Il. 4: Templo budista de Tomé-Açu durante a visita de monges.  
Fonte: Bom Amigo, 2014.



característicos – fato que pode ser observado no modo de vida de algumas famílias que tiveram relações mais estreitas com famílias imigrantes, por trabalharem nas lavouras ou realizando atividade domésticas nas residências.

A preservação dessa bagagem cultural presente em Tomé-Açu é fomentada pela Associação Cultural Nipo-Brasileira de Tomé-Açu, uma instituição que organiza e mantém diferentes atividades artísticas e festividades tradicionais japonesas. Segundo Aihara (2008),

Diferentes comemorações alusivas à cultura japonesa, através dos quais no Undokai as pessoas, durante o dia, confraternizavam-se participando de atividades esportivas, separadas por faixa etária; no Enguekai havia as apresentações artísticas musicais, de interpretação teatral e outras relacionadas à cultura nipônica; e no Bon-Odori as pessoas dançavam ritualisticamente em homenagem aos ancestrais mortos (AIHARA, 2008). (II. 5)



II.5: Festival Bon-Odori no município de Tomé-Açu.  
Fonte: Fotografia de Felipe Almeida, 2017.

De acordo com Ramos (2018), associação cultural local junta esforços com a Agência de Cooperação Internacional do Japão (Japan International Cooperation Agency – JICA), realizando parcerias que mantém professores voluntários que ensinam música, matemática, dança e origami além do idioma japonês.

Em Quatro Bocas, o idioma japonês ainda é habitual entre os mais velhos – descendentes diretos das famílias colonizadoras. Manter a comunicação na língua mãe dentro de suas residências torna os diálogos mais confortáveis e de fácil entendimento, além de ser uma forma de resistência cultural. Dentro do núcleo familiar, os avôs e avós ainda persistem em perpetuar o uso do idioma ensinando e estimulando as crianças das casas a aprender.

Existe no local, ainda, estabelecimentos cujos proprietários são descendentes japoneses que comercializam vegetais cultivados em hortas por famílias nipônicas, comidas típicas da culinária japonesa, além de outros produtos alimentícios importados do Japão. Esses pontos comerciais são de grande importância para a comunidade nipônica da região, pois possibilitam a venda de produtos orgânicos livres da utilização de agrotóxicos, além de fomentarem a sociabilidade para os usuários que frequentam esses espaços.

A influência nipônica também é percebida na religiosidade dos residentes de Quatro Bocas. Há muito tempo, o budismo vem sendo propagado na região nordeste do Pará, onde é possível encontrar templos e sociedades budistas tanto nos municípios de Castanhal e Belém, assim como em Tomé-Açu. O templo Nishi Hongwanji, de Tomé-Açu, funciona ativamente e possui comunicação com a Federação de Escolas Budistas do Brasil. Em certos períodos e eventos, o templo recebe visitas de monges de outras regiões para a realização de atividades congregacionais. Na revista “Bom Amigo/ comunicado mensal do templo”, revista que veicula o comunicado mensal da Associação Religiosa Nambei Honganji Brasil Betsuin, há um relato do missionário do Dharma Shu Izuhara (2014), onde descreve a experiência de sua visita:



Visitei Belém e Tomé-Açu (...) como integrante da caravana de visita de solidariedade às regiões interioranas, promovida pela Federação das Escolas Budistas do Brasil. (...) Em especial, há um magnífico templo construído em Tomé-Açu. Fomos recepcionados com grande emoção em ambas as cidades. Disseram que era inédita uma visita de tantos monges ao mesmo tempo. Não havia falsidade naquelas palavras carregadas de emoção. Tamanha hospitalidade, recebendo-nos com coração emocionado, chegou a nos assustar (IZUHARA, 2014).

Além da religiosidade, há práticas esportivas em Quatro Bocas que também são influenciadas pela cultura nipônica. Na região, encontram-se escolas de karatê, clubes que promovem campeonatos de beisebol e campos destinados à prática de golfe – esportes trazidos a partir da década de 1950 pelos descendentes japoneses que residiam na região (RAMOS, 2018).

Essas especificidades analisadas – materiais e imateriais – são segmentos que participam da composição identitária do núcleo de Quatro Bocas, em Tomé-açu. A paisagem estudada revela as particularidades de uma sociedade que se potencializou a partir da transposição de traços culturais entre etnias dessemelhantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início da formação do Brasil que é conhecido hoje foi dado por um processo de migração. A migração de pessoas trouxe, além de seres humanos, mercadorias, costumes e ideologias – um conjunto de modos de viver que se somaram aos habitantes locais que, com o andar dos séculos, montou o Brasil onde hoje vivemos. A peculiaridade de Tomé-Açu foi a vinda arquitetada de japoneses que imprimiram parte de suas identidades em solos amazônicos. A jornada social e econômica vivida pelos imigrantes os fez, a cada dia, transformar e adaptar o território de tal forma que suas necessidades fossem cumpridas, seja plantando culturas, delimitando vias ou construindo suas casas.

Essas transformações, antes de trazerem lucros ou melhores condições de vida, primeiro transformaram a paisagem do território aqui analisada. No município de Tomé-Açu, observa-se na paisagem as consequências de processos culturais, políticos e econômicos. No início da colonização, a influência ribeirinha da ocupação passa a ser interiorizada pelas fazendas com plantações de pimenta-do-reino fomentadas pela CAMTA, motor principal de desenvolvimento econômico municipal, construindo casas, instituições e desenhando as vias e os espaços públicos que hoje compõe a paisagem de Tomé-Açu.

O núcleo urbano de Quatro Bocas carrega um potencial histórico advindo da permanência dos fragmentos do processo de colonização que instiga a evolução cultural local, em perspectivas materiais e imateriais. A relação entre homem e meio ambiente criou um campo de distintas interpretações e percepções do espaço, particulares de cada indivíduo, e promoveu modificações físicas no território. Nesse aspecto, a representatividade das conexões étnicas e a construção da identidade local revela a complexidade da formação da paisagem cultural dessa localidade.

A dinâmica sociocultural passa pelo processo natural de transformação com o passar dos anos, de acordo com a inserção de novos agentes do espaço. Segundo Cardoso e Lima (2009), nas últimas duas décadas, há uma migração das atividades de comércio e serviço do núcleo de Tomé-Açu em direção a Quatro Bocas motivadas pela maior importância da rodovia estadual, pela possibilidade de transformação de áreas rurais em loteamentos urbanos, bem como pela proximidade com áreas de exploração de minério - tratando-se, portanto, de dinâmicas e atividades relacionadas à exploração das terras e dos recursos naturais ali presentes.

A paisagem constituída a partir de uma determinada realidade passa pela evolução de ressignificações do espaço e, assim, o cotidiano se remodela a partir de uma nova representatividade que conduz um

universo de formas, conflitos e conexões. Segmentos da cultura japonesa sobrevivem em Quatro Bocas, sejam pelas edificações remanescentes construídas pelos colonizadores ou por seus descendentes, seja por aspectos imateriais relacionados à religiosidade, culinária, festividades tradicionais e atividades esportivas e educativas fomentadas pelas associações nipônicas presentes no município.

Os novos momentos que o município vive prometem mais mudanças para sua paisagem física e cultural. A preciosa história de Tomé-Açu, repleta de conexões culturais de relações que culminaram para a formação do município como é conhecido hoje está sempre passível de adições que podem vir das mais diversas áreas. A migração de novos serviços e pessoas trazem seus próprios saberes e costumes que poderão ser adicionados aos modos de vida locais, pluralizando ainda mais a cultura e a paisagem da cidade.

## REFERÊNCIAS

CAMARGO, M. Da C. R. de. *Aplicação de indicadores perceptivos para análise das paisagens cênicas do trajeto entre o distrito de Taquaruçú e Palmas/TO*. Palmas, TO. Dissertação (mestrado em Ciências do Ambiente). Universidade Federal do Tocantins, 2005.

CARDOSO, Ana Claudia Duarte; MIRANDA, Thales. Sociabilidade, Modernismo E Espaços Naturais: Análises morfológicas dos espaços públicos da Área de Expansão de Belém (PA). In: *III Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia – III SAMA*. Belém-PA, 2018.

CARDOSO, Ana Claudia Duarte; LIMA, José Júlio Ferreira. Problemas socioambientais urbanos. In: MONTEIRO, Maurílio; COELHO, Maria; BARBOSA, Estevão (orgs). *Atlas socioambiental: municípios de Tomé-Açu, Aurora do Pará, Ipixuna do Pará, Paragominas e Ulianópolis*. Belém: NAEA, 2009.

CARDOSO, Ana Cláudia Duarte; LIMA, José Júlio. Tipologias e padrões de ocupação urbana na Amazônia Oriental: para que e para quem? In: CARDOSO, Ana Cláudia Duarte (Org.). *O rural e o urbano na Amazônia: diferentes olhares em perspectivas*. Belém: EDUFPA, 2006.

CARVALHO, A. C. A. de. *As metamorfoses do trabalho e no espaço a partir da dendeicultura em Tomé-Açu (PA): estudo de caso na Vila Forquilha*. Belém-PA. Dissertação (mestrado em geografia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, 2016.

CULLEN, G. *Paisagem urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

DEZAN, M. D. de S. *Impactos da Imigração Japonesa Sobre a Diversidade Cultural na Organização do Espaço Geográfico Piracicabano-SP*. Rio Claro-SP: Dissertação (mestrado). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2007.

GOOGLE MAPS. Mapa de Tomé-Açu. 2017. Disponível: < <https://goo.gl/vTTYAo>>. Acesso: 10.abr.2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Tomé-Açu. 2017. Disponível: <<https://goo.gl/N9VNN4>>. Acesso: 10.abr/2018.

LIMA, José Júlio. *Study on the imageability of Japanese cities*. 1991. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Fukui, Cidade de Fukui, 1989-1991.

LOUREIRO, V. R. Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir. In: *Revista Estudos avançados*, 16 (45), 2002.

MACEDO, S. S. *Paisagismo e paisagem: Introduzindo questões*. Paisagem e Ambiente, FAUUSP, São Paulo, v. V, 1994.

MÜLLER, A. A. et al. *Dendê: problemas e perspectivas na Amazônia*. Belém: EMBRAPA - UEPAE de Belém, 1989.

NAHUM, João Santos; MALCHER, Antonio Tiago. Dinâmicas territoriais do espaço agrário na Amazônia: a dendeicultura na microrregião de Tomé-Açu (PA). In: *Revista franco-brasileira de geografia*. V. 16, 2012.

NAHUM, João Santos; SANTOS, Cleison Bastos. O boom do dendê na microrregião de Tomé-Açu, na Amazônia paraense. In: *Revista franco-brasileira de Geografia*. V. 25. Nov/2015.

SANTANA, Jayana; LIMA, José Júlio. Expansão e contenção da cidade: o caso de Belém do Pará. In: TRIGUEIROS, Conceição (Coord.). *A língua que habitamos. VI Seminário Internacional – Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa (AEAULP)*. Belo Horizonte, 2017. p. 344-355.

SILVA NETO, Francisco Rodrigues da. *Os japoneses no Pará: um estudo sobre a formação de identidades*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2007.

TAFNER, Armando. *Cooperativismo como arranjo produtivo local: A contribuição da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu para a sustentabilidade na Amazônia*. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento Sustentável). Universidade Federal do Pará, Belém, 2008-2010.

TOMÉ-AÇU. Prefeitura Municipal. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/sJkFkp>>. Acesso em abril/2018.